

fevereiro 1997
ano 2
edição meses letivos

Editorial

Exposição de trabalhos de graduação interdisciplinar da Faupuccamp na École de Architecture de Paris La Villette

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Cristina Mehrtens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Marcos Tognon *Itália*
M. Pilar P. Pineyro *Uruguai*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Dizíoli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores
Diego Wisnivesky
Flávio Arancibia Coddou
Regina Fraga Moreira
Tatiana Alarcon
Vagner L. J. Monteiro

Faupuccamp
Diretor
Wilson R dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo M de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Campus I
Rod. D. Pedro I - Km 136
Campinas, SP - Brasil
CEP 13089-500
fone 55-019-754.7156
fax 55-019-255.6376
cadfau@zeus.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

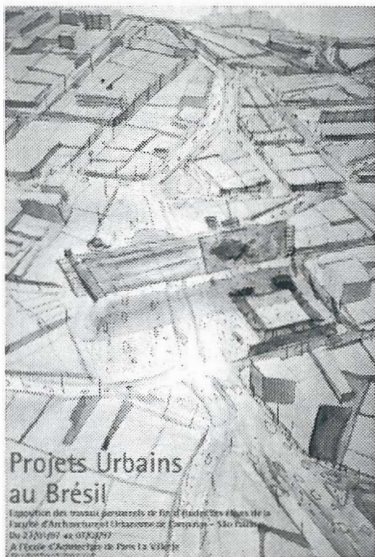
Boletim Óculum, tiragem
de 5000 exemplares.
Distribuição gratuita.

Óculum na Internet
<http://web.arch-mag.com>

Apoio cultural

 Itautec

IMPRESSO



Em junho de 1996, como editor da Óculum, fui visitar a École de Architecture de Paris La Villette (UP6) para conhecer Jean-Pierre Le Dantec, atual coordenador do curso de arquitetura, autor de artigo sobre Frédéric Borel (Óculum 5/6). Acompanhar-me na ocasião Paulo Dizíoli e Valentina Moimas, nossos correspondentes em Paris. Apresentamos na ocasião os trabalhos de nossos alunos realizados para o Congresso UIA Barcelona 96. Bem impressionado, Le Dantec nos convidou para uma exposição dos trabalhos em sua escola. Fui também apresentado a Gérard Cattalano, diretor da escola. A conversa tratou de diversas possibilidades de acordos, que redundou de imediato no intercâmbio de publicações e no interesse comum de estabelecer um protocolo de colaboração acadêmica. Para coroar os acordos preliminares, foi aceito como estudante especial nosso aluno Flávio Coddou, atualmente em La Villette. Como o diretor de nossa escola, Wilson Ribeiro dos Santos Jr (Caracol) estava em Barcelona, foi agendada uma reunião dos dois diretores, realizada no início de julho em Paris, e que resultou em um protocolo de intercâmbio acadêmico que está em fase final de aprovação. A exposição foi agendada entre 20 de janeiro e 7 de fevereiro de 1997. No Brasil os painéis foram readequados para o novo evento, com tradução para o francês e pro-

dução de algumas animações em computação gráfica. Colaboraram nos preparativos os alunos Fernanda Marafon (tradução) e Vagner L Monteiro (animações). Na França, Paulo Dizíoli e Valentina Moimas, auxiliados por Flávio Coddou, produziram os convites e cartazes, organizaram o coquetel de abertura e montaram a exposição. Contamos com total apoio da UP6 e com o inestimável empenho da responsável pelo espaço de exposição, Dominique Dockès-Hémy.

No dia 27 de janeiro, às 18h, deu-se a abertura oficial da exposição com uma conferência de Maria Amélia D'Azevedo (Mel), que discorreu sobre a experiência didático-pedagógica da Faupuccamp. A discussão dos projetos e da experiência do TGI foi muito descontraída, durante a vernissage, onde os professores Antonio Panizza (professor do TGI), Maria Amélia D'Azevedo e Laura Bueno responderam as questões suscitadas pelos trabalhos. No mesmo dia realizou-se uma reunião entre Gérard Cattalano, J P Le Dantec e Adriana Aranedo, e os nossos professores, acompanhados por Paulo Dizíoli. As professoras Maria Amélia e Laura Bueno relataram nossa participação no projeto Alfa, patrocinado pela Comunidade Européia visando uma maior integração entre as universidades européias e latino-americanas. Uma nova reunião realizou-se no dia 30, desta vez com o professor Raül Pastrana, titular da unidade interdisciplinar "Adelante" da UP6 que estuda os problemas urbanos da América Latina. O professor Pastrana e nossas professoras concordaram em elaborar conjuntamente uma proposta de nova rede Alfa com o tema "recuperação de setores urbanos degradados".



A exposição foi aberta com um descontraído coquetel, onde os convidados puderam apreciar quitutes brasileiros, como quindim, salada de frutas e caipirinha.

Morre Marina Waisman

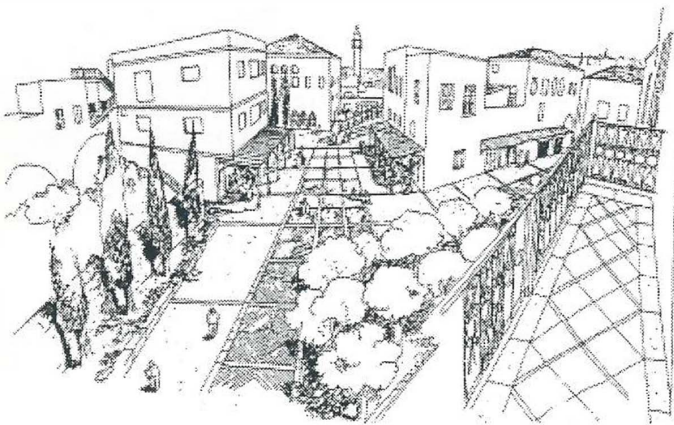
Ramón Gutierrez, Argentina
postmaster@bante.org.ar

Com o falecimento de Marina Waisman ocorrido em Cuarto (Córdoba, Argentina) desaparece uma das figuras mais importantes do nosso continente. Homenajeada com o Prêmio América junto com Luis Barragán em 1986, teve reconhecida então não somente sua larga trajetória docente que culminou com a Pós-Graduação da Universidade de Córdoba, mas também sua inovadora visão teórica sobre a arquitetura. Dona de uma sólida cultura e uma atualizada informação fruto de suas incursões periódicas em Summa e outras revistas especializadas, Marina soube compatibilizar uma visão universal com uma férrea defesa da arquitetura americana. Desde os "Summarios" monográficos abriu as portas ao conhecimento do pensamento arquitetônico para os temas do patrimônio americano e na análise das conjunturas. Fundadora do Instituto Interuniversitário de História de Arquitetura com Enrico Tedeschi, nos acompanhou desde seus inícios em 1978 no Instituto Argentino de Investigações de História da Arquitetura e do Urbanismo da qual foi presidenta durante três anos. Os textos de Marina Waisman influenciaram profundamente a análise da arquitetura continental, desde "Estructura histórica del entorno" até suas mais recentes produções na Editorial Escala da Colômbia, cuja série de "Cuadernos" dirigia.

Afetuososa para todos os que a conheceram -alunos, colegas ou simplesmente leitores-, Marina Waisman deixa um vazio no mundo intelectual americano e um mundo de recordações, nostalgias e afetos a quem tivemos a felicidade de conhecê-la.

Nazareth 2000

Vittorio Corinaldi, Israel



Nazareth.
Vista da cidade velha que receberá projetos de reabilitação de eixos de circulação e logradouros públicos, considerando o grande fluxo de peregrinos na cidade. A cidade se prepara para as comemorações dos 2000 anos de Cristianismo.

Ao aproximar-se o fim do século, a cidade de Nazareth em Israel prepara-se para celebrar os 2000 anos do Cristianismo: na ocasião espera-se a visita de muitas centenas de milhares de peregrinos. A cidade, que até agora não havia desempenhado um papel significativo no contexto do turismo, e que de reflexo sofria de um atraso no seu desenvolvimento urbano, está sendo objeto de uma atenção concentrada para ir de encontro ao grande fluxo de visitantes estimado, e preparar as infraestruturas para elevar a cidade ao nível de "atração internacional" que lhe cabe. Os esforços se manifestam, concomitantes, em vários setores:

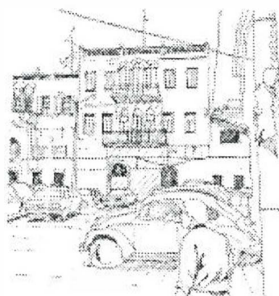
- 1) Foi elaborado um Plano Diretor da cidade, no qual, focalizando aspectos qualitativos e quantitativos relativos à ocorrência de peregrinos, se indicam soluções urbanas pertinentes a toda a população e seu desenvolvimento.
- 2) Foi feito um estudo detalhado dos problemas de acesso e circulação, e propõem-se soluções que venham resolver funcionalmente o já difícil tráfego (que hoje se concentra quase exclusivamente no eixo principal que atravessa a cidade), ao mesmo tempo dedicando cuidados a aspectos visuais e ambientais decorrentes da grande concentração de veículos.
- 3) Foi realizado um levantamento dos edifícios e logradouros destinados à preservação. Trata-se de construções de épocas diversas, em sua maioria disseminadas na espessa e intrincada malha de ruas, ruelas, praças ou "bazares" –estas também objeto de atenção no sentido de eliminar intervenções "piratas" freqüentemente desarmônicas com contexto unitário da redondeza, ou manifestações de poluição visual e ecológica.

- 4) Efetuaram-se estudos e previsões sobre a estrutura hoteleira da cidade. Sendo esta até hoje muito precária, pôs-se em ato um plano de construção de hotéis: numa pequena quantidade estes já se encontram no perímetro da cidade velha, devendo passar por reformas que lhes melhorem a qualidade; uma pequena proporção poderá ser instalada em edifícios históricos de grande porte, convenientemente adaptados e revalorizados; a massa principal será erguida numa região nova, anexa ao centro histórico e de fácil acesso deste. Ela incluirá também funções de habitação e co-

mércio, na intenção de evitar a formação de um "ghetto hoteleiro" isolado da vida da cidade, e assim participando do esquema geral de crescimento demográfico e econômico que o plano diretor contempla.

5) Iniciou-se um trabalho minucioso de paisagismo; este inclui a valorização de construções e logradouros existentes; o arranjo de praças, ruas e avenidas para lhes dar o coeficiente de atração e comodidade necessários para a circulação pedestre; o desenvolvimento panorâmico da cidade como um todo urbanístico inserido num entorno geográfico peculiar; a criação de uma linguagem visual de alto nível no que toca à sinalização, mobília urbana, luminárias etc. Neste sentido foi contratada uma consultoria especial relacionada com a iluminação: tanto no geral, como no detalhe, concentrada sobre objetos e edifícios isolados ou sobre complexos específicos.

A experiência descrita constitui um passo animador no quadro outrossim até agora pouco encorajante do planejamento em Israel: de um modo geral este se encontra em lamentável defasagem com relação às fortes tendências de urbanização vigentes –tendências desencadeadas pela crescente inclinação de "marketing" que invade todos os setores da atividade social, e que de por si é absolutamente refratária a considerações de caráter cultural, humanístico, ambiental, etc. E não é absurdo esperar que o Plano de Nazareth seja não só uma abertura de opções positivas para peregrinos e turistas em visita à Galiléia, mas também um início de visão global e equilibrada de um planejamento orientado ao "consumidor", encarado como ser humano em todas as características, necessidades e prerrogativas.



Nazareth.
Vista da cidade velha peregrinos na cidade

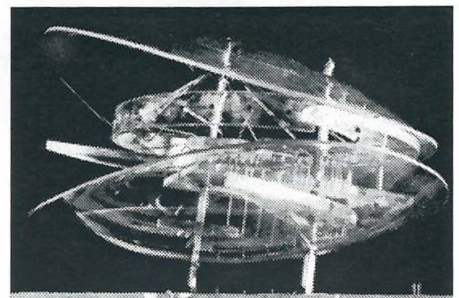
Internacional Situacionista.

Arte, política e urbanismo

Marcos Tognon, Itália

tognon@sabsns.sns.it

Contra a "nova Bauhaus" fundada por Max Bill em 1951, novamente na Alemanha, contra a conformada sociedade de consumo do pós-guerra, contra os meios de comunicação homogeneizadores, contra a arte ainda insistente no cavalete, contra o artista "isolado", "gênio da modernidade", contra o arquiteto e o urbanista da cidade planificada, e sim à ecologia, ao sexo, às dinâmicas do espaço como lugar da manifestação política de grupos, de cada um, de opiniões, de fluxos, se aglutinam, se somam, se comunicam, escreve-se, pinta-se e, sobretudo publica-se um "mixer" de cultura radical que se autodefinirá, no contexto europeu dos anos '50 e '60, Internacional Situacionista.



Constant Nieuwenhuis, "Nova Babilônia", Imensas mega-estruturas para uma sociedade baseada na mobilidade constante.

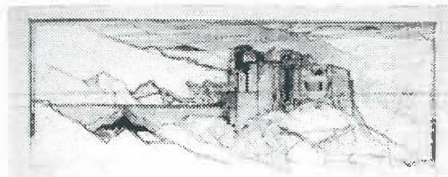
Temos assim nas mesas dispostas do pavimento térreo do MAC-Barcelona as revistas, os manifestos, tantas cartas entre Paris e Amsterdã, Turim e Copenhague, e que reúne os míticos gurus Guy Debord, Constant, Asger Jorn, Giuseppe Pinot-Gallizio. Projetar arquitetura é denunciar as condições pasteurizadas da política polar capitalismo-comunismo, é fazer colagens, fotografias, construir megas estruturas que devem substituir as cidades: circular, girar, abusar extremamente, poeticamente, da tecnologia da construção metálica, distante então do rótulo "high tech", ou do vídeo que, hoje, ultrajaria os tenros cliques; encerrando o percurso no MAC de Richard Meier, podemos colher muitos estímulos nas raras maquetes de Constant, como outros registros provenientes de importantes acervos, da Galeria Van der Loo de Munique, do Arquivo Gallizio turinense, do Gemeentemuseum de Haia. Registros do "Movimento Letrista", da "Bauhaus imaginista", do "Grupo Cobra", algumas das faces da Internacional Situacionista que deixou uma profícua herança, alimentando as fantasias dos Metabolistas japoneses, do Archigram de Peter Cook na Inglaterra, e, por fim, com as "aulas" de Savioli e Santi, a Arquitetura Radical naquela fechada e discreta Florença dos loucos anos 60.

NE – A Óculum 4 (nov 93) publicou farto material da Internacional Situacionista.

Museu de Arte Contemporânea de Barcelona
Plaça dels Àngels 1. <http://www.macba.upf.es>

A periferia urbana e seu lugar na história norte-americana

Cristina Mehrstens, Estados Unidos
mehrstens@umiami.ir.miami.edu



"Então eu persuadei os curadores a irem além. Nós fomos além mas não o suficiente porque antes que a igreja estivesse pronta, a cidade chegou até nós. E daí nós nos tornamos subúrbios em vez de rurais. Hoje em dia, se você pretende decentralizar, você tem que ir cada vez mais longe e rápido." FL Wright, 1953

Conta-se que Wright teria levado Alvar Aalto para dar uma voltinha pelos subúrbios de Boston e lhe mostrar suas obras. Bem a sua maneira, Wright gesticulava majestaticamente e mostrava o entorno dizendo "Nada disso seria possível sem mim!". Algum tempo depois, ao recordar esta história, Aalto comentou, "Mas sabe? Eu não conseguia ver nada!" Talvez Broadacre City (1935) de Wright possa ser considerado o Plano-Mãe de toda decentralização espacial ocorrida neste século nos Estados Unidos. Mas o que me interessa nesta história liga-se à sensação experienciada por Aalto, um sentimento comum para quem chega aos EUA e vive a realidade de seus subúrbios.

A literatura atual, debruçada no tema da fragmentação metropolitana e incorporação rural, analisa recentes formas urbanas desenvolvidas na periferia, *in suburbia*, através de neologismos como *edge cities* ou *exurbs* (*outer cities* ou desenvolvimentos rurbanos). Publicado em 1995, *Edge City* do jornalista Joel Garreau causou furor. *Edge city* seria a forma urbana por excelência dos novos tempos, a concentração urbana que revelaria a nova interpretação da futura vida em comunidade. A grosso modo, *edge cities* são concentrações urbanas que abrigam uma só atividade — empresarial ou comercial —, são essencialmente privadas, localizam-se em estradas ou marginais sem acesso ao transporte público e atraem outras formas similares como shopping centers e condomínios residenciais. Segundo Garreau, antes da década de 1980, quase ninguém trabalhava em subúrbios. Hoje, a jornada para o trabalho balanceia-se entre os que moram e desenvolvem seus trabalhos nos subúrbios e os que se locomovem para o centro da cidade. Se os empregos transferiram-se para os locais onde as pessoas vinham morando e comprando há mais de duas gerações, então a ideia de "subúrbio" enquanto comunidades residenciais da periferia das grandes cidades perde o sentido. Daí *edge city* designar este "novo" desenvolvimento independente do centro urbano. Porém, sabemos que atividades profissionais fora do centro sempre existiram. Estaria Garreau idealizando esta *nova* forma? Que processo é este que envolve o subúrbio na história contemporânea? Porque teria sido a periferia eleita o local mais desejável nos EUA enquanto o centro foi preferido na maioria dos países europeus? Qual o papel do Novo Urbanismo?

O Novo Urbanismo possui endereço postal, organizador (Peter Katz), manifesto (Carta do Novo Urbanismo), literatura, e projetos que provam ser tecnicamente possível contruir cidades que apresentem uma configuração convencional voltada ao pedestre e baseada em ruas, calçadas e quadras. O movimento é "novo" porque envolve profissionais do urbano no repensar as atitudes "convencionais" e seu público-alvo, relevando a tradição mas privilegiando a inovação. O movimento é "urbanístico" porque revive técnicas e valores da passagem do século quando esta atribuição chamou-se urbanismo. Tal postura identifica-se, fora dos EUA, com as dos grupos *Urban Villages* (Reino Unido), *New Rationalism* (França) e *Morphologism* (Itália e Catalunha).

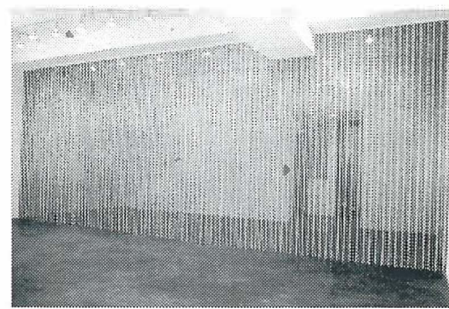
Ao criar casas e bairros habitáveis e atrativos — onde ruas e locais comuns são compartilhados — o NU lida com a forma urbana, o trajeto para o trabalho e o planejamento urbano. Assim, a CNU começa na escala macro, privilegiando os princípios da estrutura metropolitana e do planejamento regional, partindo daí para a microanálise dos bairros e subúrbios. É interessante constatar que a calçada necessita ser reivindicada por um movimento e que na maioria dos bairros residenciais *jogging* é mais importante do que passear. Isto me lembra que no Brasil "passeio" é sinônimo de calçada e é esta segunda função que ela vem perdendo nos EUA e que tanto aflige os novos urbanistas.

Tantos os profissionais voltados a revitalização dos centros como aqueles que se ocupam do crescimento urbano e sua periferia não planejada tem em conta esta mudança de hábitos. Nos EUA, a entidade que deveria lidar com a problemática da dispersão seria o condado, municipalidade cujas intuições possuem quase nenhum poder sobre o uso do solo local. Na batalha da cidade que cresce sem planejamento versus aquela que seria social e responsavelmente planejada, vence o carro. Será que os países cujo planejamento encontra-se centralizado sob um governo central tem realizado melhor? Qual será futuro do Novo Urbanismo? Como vemos, a raiz desta discussão não se liga apenas à jornada de trabalho.

Por outro lado, o Bank of America, o maior investidor do setor imobiliário americano, decidiu desacelerar o financiamento da decentralização ao publicar que irá investir em áreas que possuam 24 horas de vida por dia. Isto significa que setores urbanos que tenham mantido seus usos tradicionais terão prioridade em relação àqueles que tenham abandonado seu centro aos usos comerciais e financeiros. As *edge cities*, principais clientes do final da década de 1980, não serão mais os agentes privilegiados para o financiamento. A mudança ocorrida na periferia americana demonstra que ela não pode mais ser vista enquanto sub-urbana pois encontra-se em situação espacial igual ou mesmo superior à da cidade. De que forma podemos encontrar uma ponte com a nossa realidade no fazer a arquitetura e/ou pensar o urbano no Brasil?

Felix Gonzalez-Torres na galeria Andrea Rosen

Eduardo Aquino, Canadá
102661.2547@compuserve.com

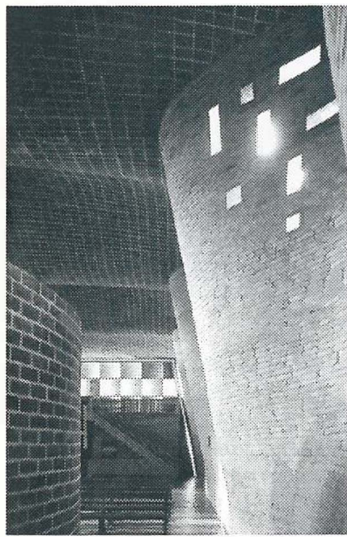


Felix Gonzalez-Torres/"Sem Titulo"

No final dos anos 60 o minimalismo veio imperar no meio das artes como um triunfo do artista sobre a instituição, que por sua vez era representada pela imagem máxima do espaço da galeria. Donald Judd, Robert Morris, Dan Flavin, Sol LeWitt e mais tarde Dan Graham foram os ícones desta vertente da arte contemporânea que viria a se tornar numa das grandes tradições estéticas do nosso tempo. Mais recentemente o minimalismo tem recebido uma releitura crítica não só através do lançamento do clássico de Gregory Battcock, *Minimal Art: A Critical Anthology* (E. P. Dutton, NY, 1968), mas também pela produção atual de artistas como o jovem recém falecido Felix Gonzalez-Torres. Na sua presente exposição póstuma na galeria Andrea Rosen em Nova York, Gonzalez-Torres dividiu igualmente o espaço da galeria com uma gigantesca cortina de pequenas contas de plástico verdes e brancas, destas que comumente encontramos nas portas de cozinhas que dão para quintais, para assim impedirem a passagem de moscas mas que permitem ao mesmo tempo a entrada da brisa fresca. Neste gesto quase que mundano Gonzalez-Torres expande nos ensinamentos do minimalismo, que reconheceu radicalmente a participação do espectador na criação da obra, como também proclamou o espaço arquitetônico da galeria como um dos constituintes do objeto de arte. Uma diferença significativa conduz parte da operação deste artista, que sobrevoa o formalismo rígido dos minimalistas originais. Naquela época, o material nu e cru, especialmente de gosto industrial, predominava no vocabulário escultural; uma escolha que se demonstrava totalmente distante de qualquer ideal romântico associado à obra. Gonzalez-Torres avança com um gesto simples/intricado, alterando o espaço e o comportamento do visitante por introduzir um lirismo inigualável. O passar de um lado para o outro, o tocar da cortina de contas no rosto e no corpo, e a escala sobre-humana de um objeto lúdico e rudimentar dignifica a experiência estética num momento vivo e encantador, transformando a visita comumente mórbida a uma galeria de arte num momento comovido. Felix Gonzalez-Torres nos deixa um legado vívido e aberto: o da possibilidade de repensar permanente o espaço institucional de uma forma vibrantemente perspícaz, reconsiderando a história e a cultura popular com um olhar crítico e pertinente.

Eladio Dieste: caminhos a partir da periferia

M. Pilar Perez Pineyro, Uruguai
mapilar@chasque.apc.org



Eladio Dieste,
Igreja de
Atlántida,
1960

Na comemoração de Capital Ibero-americana da Cultura, Montevideo abrigou recentemente¹ uma exposição sobre a obra do engenheiro uruguio Eladio Dieste. São escassas as exposições e monografias de arquitetos relevantes e, mais ainda, de engenheiros, ainda que a obra de Dieste já tenha sido "reconhecida" como obra arquitetônica. Depois das distinções internacionais que recebeu em 1990 e 1991,² o Ministério da Educação e Cultura do Uruguai lhe outorga, em 1996, o prêmio nacional à trajetória intelectual. Foi a primeira vez que esta distinção foi dada a uma figura vinculada ao desenho e à tecnologia construtiva. Eladio Dieste nasceu em 1923, no Departamento de Artigas, um dos lugares mais longínquos – em distâncias físicas e culturais – da capital do país. Em Montevideo, Dieste se forma engenheiro e se vincula ao inquieto ambiente intelectual de sua geração, impregnado da atmosfera e do pensamento de personalidades como a do pintor Joaquín Torres García – conselheiro de Dieste e que, não por acaso, conhecera Gaudí. Os diversos programas técnicos empreendidos desde os anos quarenta (pontes, galpões, reservatórios de água, silos) explicam a distribuição de sua obra em quase todo o território nacional. Em 1960, com o término da Igreja de Atlántida a 40 km da capital, confluem pela primeira vez, com a maturidade do nascimento de uma tecnologia, qualidades espaciais e arquitetônicas inéditas. Ganha vigor seu ciclo criativo como design e, em 1980, Dieste realiza a reabilitação de antigos depósitos na zona portuária de Montevideo. Em seus textos e entrevistas, alude à palavra e ao conceito de *caminho*, que surge como síntese de uma visão de mundo e razão de seu invento: "O tempo que se leva para refletir com o pensamento livre sobre os problemas que nos coloca a realidade é muito menor que o empregado para compreender com grande sutileza o já estudado por outros. Se nos apresenta um caminho interessante, devemos nos aventurar por ele com confiança; foi o que fizeram os criadores das técnicas que tanto admiramos."³

Biografia de uma tecnologia

Eladio Dieste produziu uma tecnologia aplicada à construção de coberturas y vedações verticais com cerâmica armada, concebendo o conjunto como uma unidade, onde a superfície assume a função estrutural "pela forma". Com o mesmo princípio das estruturas "cascas", realizadas em concreto armado, Dieste utiliza o ladrilho para suportar as compressões, permitindo uma retirada das formas de maneira ágil e deixando à vista as qualidades de textura, cor e luz da cerâmica. Com o tijolo cozido, retoma a tradição regional, mas elaborando com ela uma nova técnica de cerâmica armada: uma resposta às circunstâncias sociais e culturais de seu meio e sua tradição. "Provavelmente o que chamamos revolucionário é o reencontro com os liames das tradições mais profundas"⁴

A tecnologia é também expressão de identidades culturais e lugar do conflito ideológico na busca da construção simbólica dessas identidades. Ao exibir essa dimensão cultural, a obra de Dieste o faz desde uma postura ética de respeito pela "verdade" dos materiais e os procedimentos construtivos. Retoma assim alguns desafios propostos por pensadores que colocaram em nosso meio, no começo do século, a necessidade de criar uma cultura produtora regional, capaz de inserir-se nos circuitos da industrialização no mercado mundial, exibindo duplamente sua capacidade de assimilar e de inventar, respeitando parâmetros culturais próprios. O pintor Pedro Figari vaticinou em 1920: "Nos industrializamos ou nos industrializam".⁵ No momento atual não é difícil que a obra de Dieste seja reivindicada nos países industrializados como uma "outra" alternativa formal, ainda mais em um momento de particular avidez pelo "diferente" ante a saturação de um mercado castigado por reiterações. Sem diminuição desse valor "universal", é importante insistir sobre aquelas condições que constituem a gênese ideológica e que pautam o marco conceitual de suas obras. Em termos latinoamericanos seria necessário investigar a tecitura cultural que deu lugar aos caminhos que transitaram Eladio Dieste no Uruguai, Rogelio Salmons na Colômbia e Lina Bo Bardi no Brasil; trajetórias que revertem a visão com que tradicionalmente, a partir da periferia, se tem abordado as hegemonias tecnológicas e estéticas dos países altamente industrializados.

1. *Eladio Dieste. 1943-1996*. Exposição organizada pela Dirección General de Arquitectura y Vivienda de la Consejería de Obras Públicas y Transportes de la Junta de Andalucía, em Montevideo (Centro Municipal de Exposiciones, nov 96) e em Sevilha, Espanha (fev 97). Excelente catálogo de 446 pgs. Aquisição no Uruguai: Editorial Dos Puntos, telefax (5982) 400062. Preço: US\$ 50. Aquisição na Espanha: Junta de Andalucía.
2. 1990: Prêmio Bienal de Quito, Equador, e Prêmio Gabriel Mistral da OEA. 1991: Prêmio América.
3. Texto de Eladio Dieste no Catálogo.
4. Entrevista a Eladio Dieste em Revista *Montevideo* da Intendencia Municipal de Montevideo, dez 1996.
5. Gabriel Peluffo Linari *Pedro Figari: Arte e Industria en el Novecientos* in Revista Nacional del Ministerio de Educación y Cultura. Montevideo 1993.

Acontece

Exposição, curso, concurso,
encontro e outros eventos culturais



Concurso para ampliação do MOMA, New York
O MOMA divulgou, em meados do último mês de janeiro, o nome dos 10 escritórios de arquitetura que participarão do concurso para ampliação e redefinição de suas dependências: Wiel Arets e Rem Koolhaas, da Holanda; Toyo Ito e Yoschiro Taniguchi, do Japão; Dominique Perrault, da França; a equipe de Jacques Herzog e Pierre De Meuron, da Suíça; Bernard Tschumi, Steven Holl, Rafael Vinoly e a equipe de Tod Williams e Billie Tiesen, dos EUA. Os projetos preliminares serão entregues em março. Três serão escolhidos para desenvolver as propostas. A premiação deverá sair no final deste ano. [Anna Beatriz Galvão]

Boletim Óculum na Internet

A revista WAM, de Barcelona, coloca disponível em seu "site" matérias publicadas pelo Boletim Óculum. <http://web.arch-mag.com>

Óculum vira verbete de enciclopédia

Lançada na Itália em 1996, a Enciclopédia *Architettura e Società. L'America Latina nel XX secolo*, publicada pela Jaca Book, traz na página 381 o seguinte verbete: "Oculum. Rivista della Pontificia Università Cattolica di Campinas (SP, Brasile), edita dalla dinamica direzione di un consiglio editoriale diretto dal professor Abilio Guerra. Inaugurata verso la fine del 1984, ha pubblicato cinque numeri con articoli scritti da collaboratori nazionali e internazionali. Indirizzo: Dom Pedro I, km 136, Campus Puc, Campinas, SP, 13089-500, Brasile."

Exposição "Concurso nacional de idéias para um novo centro de São Paulo"

O concurso buscou incentivar na área central da capital a diversidade funcional, a requalificação do valor simbólico do centro e a acessibilidade prioritária para o transporte coletivo. Dentre os 64 projetos entregues, foram premiados os seguintes arquitetos: 1º João Batista Correa e José Paulo de Bem (SP); 2º Vital de Mello (Recife); 3º José Moraes (SP); 4º Carlos M. Teixeira (BH); 5º Lilian de Almeida e Renato Dal Pian (SP). Dos quinto colocados, Lilian foi professora e Renato é formado na Faupuccamp. Premiação: 19 de fevereiro, às 19h. Local: Solar da Marquesa, r Roberto Simonsen 136 (ao lado do Pátio do Colégio). Até dia 21 de fevereiro, das 9h às 17h.